

## Único amor

Leonor era seu nome de batismo e ali estava ela, sentada no mesmo banco onde há vinte e três anos estivera e conhecera seu verdadeiro e único amor.

Não estava apreensiva, nem impressionada.

Havia chegado há pouco tempo, depois de uma viagem inacabada. Tinha partido para ir além, mas no meio da viagem resolvera visitar sua terra natal.

A praça continuava com o mesmo aspecto desleixado, folhas secas espalhadas pelo chão que voavam ao vento. Algumas árvores deitadas pela ventania jaziam mortas e outras ainda resistiam, mas seria por pouco tempo.

As pessoas passavam ao largo. Ninguém lhe dirigia o olhar. Pareciam atarefadas demais para um sorriso.

Ela absorta em seus pensamentos lembrava exatamente da cena que naquele dia lhe fizera feliz e assustada ao mesmo tempo.

Ela ficara dias e dias dentro de casa sem sequer poder sair, por medo de ser descoberta e perder seu amor maior. O pensamento que mais a assaltava era que se fosse descoberta não saberia explicar.

Foi um ato de amor ou de egoísmo, afinal amor e egoísmo andam juntos lado a lado... ou não?

O certo que o que fizera, já estava feito e somente ela sabia o que era.

Sua consciência não parava de querer contar seu passado e ela não sabia como pará-la. Não conseguia se eximir da culpa e da auto - piedade, mas já não dava mais tempo para reparar, caso fosse um erro.

Lembrava-se dela mesma sentada naquele mesmo banco a olhar pela praça quando observara aquele carrinho parado embaixo de uma daquelas árvores. Fora até lá e dentro esperneava um bebezinho tão lindo, tão rosadinho.

Num impulso sobrenatural pegara o bebê e correrá. Correu mais do que pode suas pernas finas.

Entre quatro paredes permaneceu a semana toda como que a espera que alguém viesse buscá-lo. O carrinho permanecia inalterado até que um guarda juntou-o e o levou para o depósito de coisas encontradas.

Ninguém procurou pelo bebê. Nenhum boato. Nada.

Passou a pensar que fora um presente dos céus.

No final de semana pegou carona de um caminhoneiro que passava pelo local e fora embora levando o presente.

Os anos passaram. Ela e seu filho nunca tiveram um atrito sequer. Ele nunca perguntara sobre seu nascimento, nem pelo pai. E porque nunca perguntara, ela também nunca contara sua história.

Agora, sentada ali percebera que não adiantava mais ficar sofrendo por algo que fizera ou deixara de fazer.

O que restava era prosseguir sua caminhada, assim, dona de si.

Naquele banco nunca mais sentaria e naquela praça ... , talvez voltasse , por outro motivo que não fosse aquele, quem sabe ?

Ela tinha muito mais para fazer do que recordar velhas histórias. Tinha agora um universo para desvendar.

Antonia Rosângela

07/9/2010 - 19h